

Parte V - Violência, suspeição e subjetividades

Ana Paula Jesus de Melo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MELO, APJ. Violência, suspeição e subjetividades. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 200-201. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE V

VIOLÊNCIA, SUSPEIÇÃO E SUBJETIVIDADES

Definir violência é complicado; quem a vive, contudo, sabe perfeitamente o que significa. Embora não saiba que aquela violência específica, à qual está submetido, tem data de nascimento e de morte, pois toda forma de violência encontra registro em certa organização estatal — ainda que, mediante sofridas comparações entre as barbáries humanas e as ações defensivas/ofensivas do mundo animal estrito senso, a ciência tente devolver o problema a uma suposta natureza instintual dos seres vivos.

“Bandido bom é bandido morto” não traduz uma verdade instintual, assim como torturas, sevícias, enclausuramentos, rotulações —*câncer gay, marginal, louco...*— não encontram base em quaisquer atividades observadas fora da cultura —bem no sentido do modelo bacteriológico— humana. Nossa discursividade institucional forma o caldo no qual fermentam as violências, surdas e sonoras, do cotidiano urbano e rural.

Em tempos passados, tivemos o *direito* divino dos impérios, o *direito divino* dos reis e, hoje, é outro *direito divino* que nos vem moldar (*informar*) os hábitos e os valores: o *direito divino* dos governos das nações — laico e, paradoxalmente, religioso; apoiado nos discursos pretensamente neutros das ciências modernas, na manutenção de exércitos permanentemente vigilantes e equipados pelo constante desenvolvimento da indústria bélica, e na difusão midiática da *fé*. Uma misteriosa fé na ordem do mundo cívico, que não se abala por escândalos públicos. Antes, faz-nos voltar nossa raiva e desprezo contra o subalterno, o fraco, o pobre, o infante, a mulher, o negro, o nordestino, o favelado. Uma fé hipócrita, pois fincada não na aquiescência aos acontecimentos gerais mas no medo, na impotência perante as armas do Estado, do rico, do patrão. Uma fé baseada na moral dos escravos, sustentáculo de uma servidão *voluntária* que denominamos *bom senso*, e que nos faz dizer, independentemente das

experiências cotidianas, que somos cidadãos de um regime no qual o poder público emana dos anseios populares.

Todos somos cidadãos; todos somos iguais perante a lei e perante Deus; porém... “casamento entre homossexuais não, vai destruir a família”; “preto quando não suja na entrada, o faz na saída”; “parente de bandido é tudo bandido”; “pobre não sabe votar”; “isso aí é doença de quem dá o rabo”; “com aquela roupa, *tava* pedindo por isso”; “pobre só sabe fazer filhos —é tudo animal”; “lugar de maluco é no Pinel, de crioulo é no *zoo*, e de crioula é na cozinha”; “a tristeza de um pai caçador é ter um filho *veado* e não poder dar um tiro nele”; “pobre fede”; “ô, povo burro!”; “comunista come criancinha”; “judeu é tudo ladrão”; “preta é tudo porca”... A lista é interminável. Tudo aquilo que não for *eu*, me ameaça. E há um *estrangeiro* a cada esquina; quiçá, dentro de minha própria casa.

Assim, tempos violentos são tempos de medos, e pânico vicejam em cada esquina: crianças são perigosas; jovens são perigosos; velhos são perigosos; pobres são perigosos; loucos são perigosos; *despossuídos* são perigosos... Enfim, o perigo nos espreita em cada ruela, bar, academia, cruzamento. Os cruzamentos são perigosos. Nada de reforma agrária, desinstitucionalização da loucura, despenalização de pequenos delitos, diversificação das penas, distribuição de camisinhas, educação sexual libertária... Nada de código em defesa da vida, da infância, da adolescência... Nada deve funcionar, porque, para a Ordem, são precisos asilos e prisões, quarteirões fechados, condomínios fechados, carros fechados, *corpos fechados*... e uma *Ciência* e imprensa *livres* nos alertando para os *perigos da liberdade*!

Ana Paula Jesus de Melo